

Minguante

Minha irmã **não** tinha medo de altura.

Não tinha medo de levar bronca do meu pai nem da minha mãe.

Não tinha medo de atravessar a rua sem olhar para os lados.

Não tinha medo de escuro nem de trovão.

Não tinha medo de corda bamba, de abismo, de tsunâmi. Nem de barata!

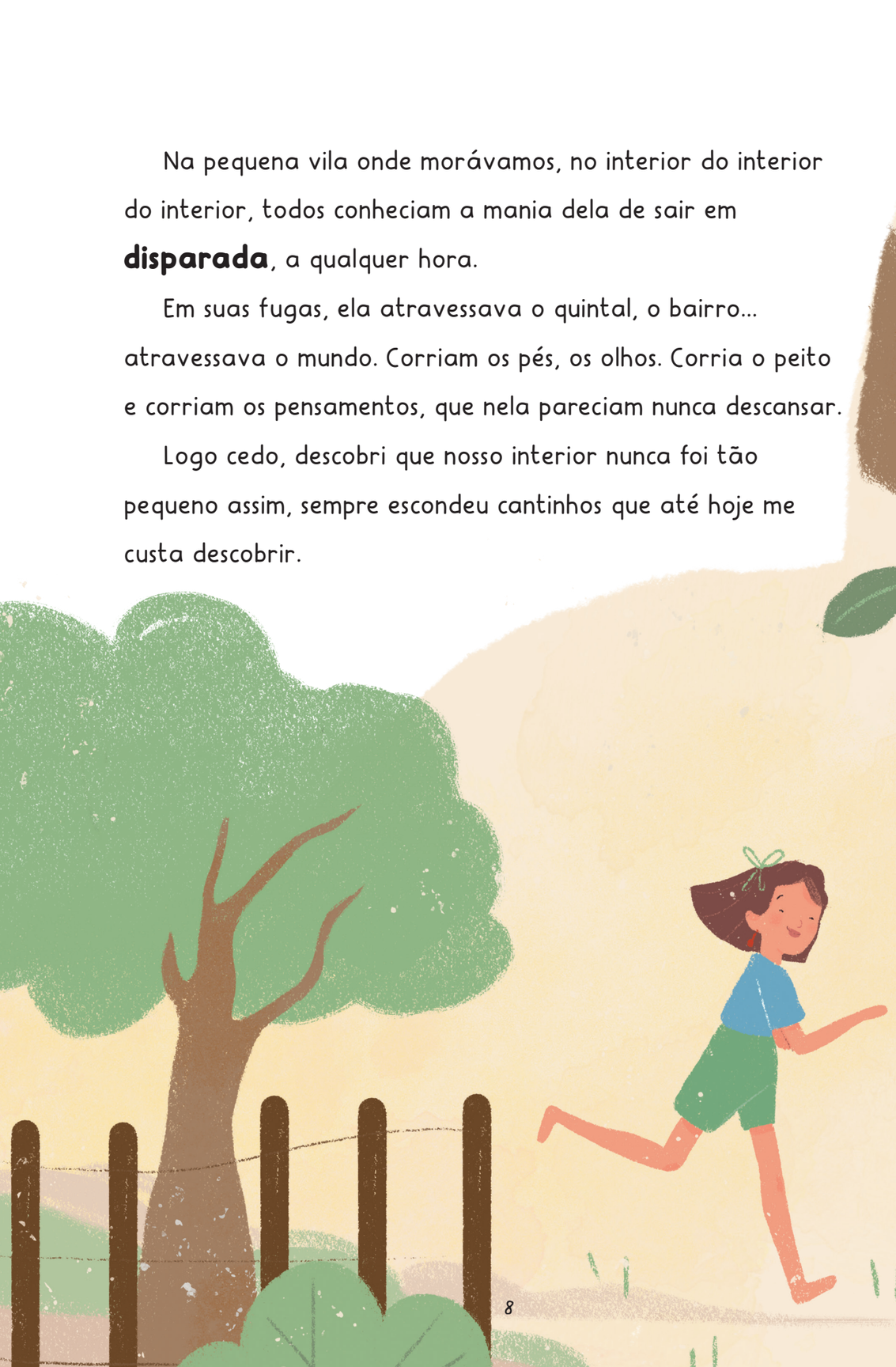
Minha irmã não tinha medo.

E eu adorava a minha irmã!

Na pequena vila onde morávamos, no interior do interior do interior, todos conheciam a mania dela de sair em **disparada**, a qualquer hora.

Em suas fugas, ela atravessava o quintal, o bairro... atravessava o mundo. Corriam os pés, os olhos. Corria o peito e corriam os pensamentos, que nela pareciam nunca descansar.

Logo cedo, descobri que nosso interior nunca foi tão pequeno assim, sempre escondeu cantinhos que até hoje me custa descobrir.





"De que você tanto foge, mana?"; "Para onde vai tanta pressa de chegar?", eu perguntava a ela, na esperança de uma resposta – que nunca vinha.

Ninguém entendia o que era preciso fazer para o chão se esquecer dos pés da minha irmã, e nos calçar de algum sossego. A explicação estava apagada dentro dela, na voz que não lhe saía. Um tipo de silêncio que muito nos intrigava.

Eu sentia as suas ausências e a sua falta.

Uma das muitas vezes em que eu perdi a minha irmã de vista, ela **sumiu** assim, do nada! Decidiu correr sem nenhum rumo, e foi. Quando me dei conta de que ela havia sumido, deixei o que fazia e fui à sua procura, na hora.



"Você viu a minha irmã?"



"Ela passou por aqui?"



"Alguém viu a minha irmã?"

Encontrei apenas o rastro de silêncio que ela deixou para trás, feito pegadas fundas, que não se desfaziam.



Depois de muito procurar, finalmente descobri o seu paradeiro: eu a vi subindo um morro distante. Fiquei **apavorada**, com medo de que ela rolasse até embaixo, com medo de perdê-la.

Ela chegou ao topo e ficou saltando, aflita, tentando alcançar o vento, que a ignorava, não lhe estendia a mão. Reclamava, frustrada, por não conseguir ganhar mais altura.